

ENSINANDO OS DIFERENTES NA ESCOLA DOS DESIGUAIS

Alberto Silva I

Observando-se os vários aspectos das relações conturbadas entre as diferenças no ambiente de convívio escolar, permeados pelo conflito familiar eivado de contradições promovidas pela interferência do estado bandido e marginalizado na sua essência sem qualquer referência positiva de honradez e ética, enquanto, detentor do poder de resolução de problemas por meio de políticas públicas notadamente corrompidas e abertamente impunes, refletindo na desconstrução da cidadania atrofiada pelo status quo".

As interações e relacionamentos interpessoais, no processo de integração com o meio que poderia trazer um novo rumo ao chão da escola, perde-se na ineficiência do feed-back necessário, com o extra muro escolar e suas reflexões alijada pelas deformações da má informação na divulgação dos direitos sem deveres aos menores de dezoito anos, bem como, as inflexões na sala de aula, onde o professor, engessado pela legislação imoral e desagregadora fica a mercê da maldade dos elaborados vícios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Este deletério aplicado como remédio jurídico fomenta, o emprego da incompetência e o vício da vida fácil, protegendo a violência garantindo uma legião de assassinos impunes, a benefício dos herdeiros das oligarquias proliferadas, sustentada e mantidas pela miséria de muitos para benefício de poucos, contra-partida dos subentendidos dos donos do poder, que alencam falas para destruição da empatia e da verdadeira cidadania. Uma apologia à anomia social onde se fundamentam os radicais, que falam da burguesia, mas vivem na freguesia burguesa sem a mesma disposição para o trabalho.

Em todas as regiões e microrregiões do nosso país, a educação de somenas importância aos aliciamentos políticos, necessitados do voto sem contra partida devida, o fino mister e a fina nata da má-fé, o distanciamento do discurso da prática que, iludindo e mentindo usam a educação com bandeira de um escola de mal intencionados praticantes do eu primeiro e do agora meu pirão.

O dito "Chão da Escola" fica comprometido nas promessas eleitoreiras, infinitamente descompromissadas com a realidade do povo brasileiro, vitimizado pelo descaminho e pela má-fé.

Entenda-se o chão da escola, in loco, dever-se-ia ao ofício encontrar como saída para os prejuízos demandados da falta de compromisso do estado com a criança, políticas locais que, desenvolvesse uma educação integral na amplitude da palavra e na essência do entendimento, pela eficiência e eficácia, logo precisa de um currículo

amplo com a prática dinâmica, o baixo custo da operacionalidade não pode comprometer a qualidade, pois esta advém da escolha de fazer ou não fazer, querer ou não querer. A escola e seu chão são dos alunos, sem eles o professor perde o sentido, descaracteriza sua funcionalidade integralidade na abordagem do meio.

Permissividade nociva do E.C.A., (Estatuto da Criança e do Adolescente) promove no sujeito em construção, a impunidade em convívio com o dito risco social, a sensação do falso poder embasado no crime e na impunidade declarada na excessiva apologia ao direito ser a devida proporção dos deveres, vitimando a comunidade mais desassistida no eixo e nas vertentes próximas da escola, a família e a comunidade escolar.

A escola ociosa de chão batido envolta em sonhos de professores, que resistem a idiotização do livro didático, bem como marginalização do professor sonhador, pela má qualidade do material didático disponível ou inexistente. Carente, certo de um quê, de tudo posso, mas nada respondo, tendo como limiar as certezas das impunidades dos que a cima deveriam dar exemplos, mas que corrompem, os favores da incompetência na proteção, ao crime violento como referência de poder, para o jovens no cotidiano comunitário dada a decadência da legislação corruptora praticada na excelência dos foros privilegiados, que falam de desconstruir para reconstruir.

A autoridade do criminoso, que não estudou, mas manda fechar o bairro, atear fogo nos

ônibus, mesmo quando está na cadeia, sob a custódia da justiça prevaricadora, é a referência de mando, desmando, é o poder, como exemplo de vida, é a força que move a juventude ociosa, a ostentação do paralelo fixando normas avessas, enquanto e porquanto, o estado de direito, vilipendiado pela autoridade constituída ajoelha-se, às lei elaboradas para benefício de alguns, contra o interesse do todo cansado de ser extorquido.

Dada a desconstrução dos valores, que norteiam as famílias, suas rotinas estruturais na sociedade, na religião, na civilidade, bem como, as anomias geradas nas complexidades dispostas na frequente destruição do pacto social, por aqueles que deveriam aperfeiçoá-lo. Como falar de inclusão se o estado execra e não disfarça, não recua. Avança irreponsável para o encontro com o mau, causando o mal aos que, estão no trajeto para rota de inclusão deveriam ser, por tanto, orientados na eiva do conhecimento com sabedoria e leniência.

A inclusão nasce da empatia que, passa pelo estar, ou se por no lugar do outro. Percebendo assim, as mazelas a que são expostas, nesse limite percebemos o quanto nos postamos no lugar do outro, como nos

conduzimos nesse instante? A acima de tudo a invisibilidade da dor alheia. O olhar que passa essa emoção está intrínseco ao conjunto de princípios da educação, religião e cidadania, esta trabalhada na família, que aliada à escola, modela o convívio social traçado pela ancestralidade, com mensuração do entendimento deste, no que conviver em sociedade.

Construir a partir das vivências livremente compartilhadas, na busca do entendimento pela compreensão do outro, o chegar junto pela certeza da igualdade, não pelo interesse de algum proveito a ser dividido na escuridão da ignorância, a noite onde habitam todos os preconceitos, que cai ao raiar do dia sob a intensidade do brilho do sol despertado pelo conhecimento, luz edificadoras sociedades produtivas enriquecedoras.

Incluir é convergir para em seguida divergir sem conflitar, mas buscar o ponto de equilíbrio entre os entes. Incluir está permeado de empatia, sem o menor teor da indigna piedade. Dessa integralização desnorteada, pautada em mentiras fabricadas para justificativas de lesa fé pública e faz de conta da importância da educação, a competição gera mentes prodigiosas na busca de soluções rentáveis, enquanto o fisiologismo onde tudo é distribuído na dose encontrada pelo oportunismo, na busca do objetivo comum de um grupo que tudo faz para obter controle, que é a manutenção do status quo, o poder pelo poder, nada mais. Uma projeção desastrosa do inacabado, do desconstruído, do analfabetismo funcional, do acabestramento das mentes que se pensam pensantes, mas não teorizam na verdade da observação dos fatos.

É necessário convergir nos acertos e divergir na esperança do debates, do questionamento que cria e desenvolve novas ideias. Escola que precisamos está carente de pesquisa, precisada de questionamento e não da hipocrisia da academia corrompida e desmoralizada pela incompetência dos que deveriam privilegiar a educação, e não passam de capachos dos criminosos que governam.

Nesse viés podemos sentir na rotina escolar a iteração e a integração do aluno no seu processo de construção acadêmica em relação a educação recebida no seio da família. É o momento que nos é dado a oportunidade de avaliar nas relações interpessoais entre pais e filhos. Impossível é administrar os conflitos sem o reconhecimento das fraquezas e seus pontos de insidência.

Ensinar na escola das diferenças e das desigualdades, urge o entendimento de como atingir o aprendente, sem deslocá-lo, de seu eixo abruptamente; cada um tem seu tempo de aprendizagem, uma fórmula própria de entender o mundo e de perceber-se, dentro deste

contexto, essa compreensão advém das relações familiares com o mundo e de sua leitura crítica do seu universo pessoal e cultural. Criar métodos, passa pela necessidade da prática, quando forjada no entendimento individual, que se eleva para o coletivo, observadas as necessidades de ensinagem adaptadas, a uma rotina de profundo respeito ao tempo de aprender na necessidade cada um. Observando-se ainda, que, na escola dos diferentes somos todos nós excluídos, pois nos são tirados direitos básicos, bem como oportunidades indispensáveis para edificação de seres melhores, enquanto eles, dão-nos o superfluo; e riem das nossas lutas inglória, contra um estado de direito violado pelos mesmo que deveriam assegurá-lo.

As leis promovem a exclusão, jogando um indivíduo contra o outro, nessa propaganda do social, da cidadania fragmentada do poder das minorias.

Esse processo de divisibilidade do invisível cria a versão do cidadão multifaceado ilusão sociológica da igualdade. O indivíduo já vai para o debate com o resultado conhecido, pois, o excesso de direitos sem o real proporcional de deveres, não discute os conflitos das classes e promove o preconceito radical pela possessão da verdade, pois já se decidiu pela cidadania das minorias diferenciadas, ofendidas, ampliando os conflitos e radicalizando as tensões e tantas outras intenções por trás do verbo explicitado; o diálogo passa ser inútil.

Pelo excesso, o estado extorquindo aqueles que produzem, a saber, o dono do capital e o trabalhador é pelo descompromisso e pela falta de vergonha que os demais, por poucos poderes nos afrontam com regalias que, vão além dos privilégios, no berço da imoralidade, da impunidade do inatingível, do intocável, do amaldiçoado cantado no domínio. A mentira é a arma do controle e do descontrole.

Fica a necessidade de integrar todas as diferenças, que vão desde a forma de aprender até a forma de ensinar, mas nos conceitos humanos e não humanizantes, pois, a escola nada mais é que o reflexo da sociedade formada e ou deformada nos movimentos sociais e antissociais que, se formam nas comunidades influentes na vivência do alunado, ou seja, a escola sempre vai refletir o que é trazido da família associado as vivências da rua, que na interação rotineira promove as vivências e as fluências escolares.

Os emaranhados de informações destorcidas propositalmente, isso transformará cada um dos diferentes indivíduos que, com seus saberes desenvolvidos, ou estagnados, transformarão os tempos da sociedade, nessa evolução positiva ou negativa, começa, partindo do indivíduo aprendiz para universo escolar no indivíduo ensinador.

A troca de informação se não refletida por ambas as partes, não gera

soluções mas, intensifica problemas e mascara soluções a níveis de prejuízos irreparáveis bloqueando a aprendizagem e a metodologia de ensino, com falsas relações de produção de conhecimento bem com, a falsa produção de mão de obra qualificada mister para o crescimento e para o enriquecimento.

Observar as influências dos meios de comunicação na crescente exclusão social na produção de apologia às ações de consumo, as formas de informação metodologicamente trabalhada para o querer sem dizer da onde vem o pagamento, o que importa é a venda da notícia, suas formas de abordagens de variados assuntos que, deveriam vir da família, individualizada, findam por acelerar processos, que são diferenciados em cada indivíduo na construção das micros estruturas. Esse mau versamento das informações dão matizes ao crime valorando falsamente a impunidade, desvirtuam-se devido a ausência cada vez maior da família na formação individual do ser, as influências destas ausências potencializadas pelo colorido criminoso das leis, no estabelecer do valor desvirtuado moral que, permeia as relações e suas instabilidades.

Encaminha ao desgoverno e elimina o senso de pertencimento necessário ao vínculo do papel das três bases de uma sociedade livre e responsável, a saber: São vínculos da sociedade o servir, o proteger e o compartilhar e seu papel o viabilizar, o preparar e controlar. As diversas inferências ocorridas nas pressupostas diferenças advindas do preconceito alimentado pelo estado, que com suas legislações divisoras, fragmentadoras da cidadania, na duplicidade de sentido do interesse, cada um dos atores deste teatro de desconstrução, mascarado de solução participativa, buscam o poder pelo poder. Usam a mentira como argumento, a falsidade das ideias gritante no palpitar das ações orientadas como uma voz controladora pela imprensa que produz mitos da mal como heróis.

Daí o poder se instalar tentando igualar as diferenças pelas dificuldades das desigualdades, fortalecendo assim o poder paralelo, com a negligência aos princípios básico da Constituição, na Assistência à cidadania.

Fomentando o crime organizado com leis protetoras ao infrator, dificultando a produção e o comercio com decisões jurídicas vergonhosas e imorais. E para o regalo dos governantes, a extorsão institucionalizada, que vai da multitributação, ao descaminho do imposto para uso fruto de alguns.

A construção deste aprendizado é produto, da troca de informação, entre os valores da cidadania provocada, em detrimento a cidadania construída, a primeira necessita de leis e de um aparato, para que

provocada a justiça, o direito seja respeitado, a segunda começa a ser trabalhada na escola, na dedicação do que ensina, na dúvida do que aprende, construída na rotina escolar a cidadania flui, no caráter traçado não por pais e mestres, mais pelo exemplo, que pela exposição de motivos vários, fazem o número de desistências e repetências, somarem-se as mentiras e propagandas, que em nada ajudam o conhecimento.

Ao trabalhar a empatia, o contato e a sensibilidade com pequenos exemplos que, edificarão na criança o respeito pelo outro, partindo de si para o mundo, numa difícil jornada onde serão quebrados e desmontados conceitos natos, aperfeiçoados os inatos, desconstruir um ser em formação, novo e avaliador de atitudes e de conceitos, interpretativo.

Perseguidor de afirmação nas tribos que, o cercam na vida urbana canibalizada pelo ter mesmo sem poder, mensurada em valores consumistas, encaminhados às aspirações rurais divulgadas pelo avanço das tecnologias da informação, utilizadas para escravização do querer e do poder ter a qualquer custo, preferencialmente sem ter o trabalho como referencial de posse, pois a criança é educada para ter, sem o esforço do conquistar pelo trabalho, basta pegar, pois o estado protege o crime.

Facilitadas as conquistas sem o devido esforço meritório, divulga para uma absorção e controle programado, direcionado para obediência das massas na manutenção do poder pelas minorias ditas operárias de gosto refinado e caras estadias às custas das contas públicas, o esforço para destruir as relações exemplificadoras socialmente reconhecidas, o respeito ao outro é declinado em detrimento a do eu quero, eu pego.

A ninguém deste colúio interessa uma geração de contestadores ou de lutadores com conhecimento de causa. Logo manter as rotas de fuga, perpetuar as válvulas de escape das tensões sociais, abertas como veias jorrando sangue e provocando com a fome o que há de pior no indivíduo que se constrói e isso esta para lá das corres e das raças.

À desordem ao caminho do poder, no caos se habilitam os enganadores e seus teóricos caídos na falências de suas aspirações definidas, no espetáculo dirigido ao poder das massas reprimidas, que permanecerão reprimidas na falsidade de suas crenças ditas justas.

Assim a escola de diferenças aguçadas no preconceito afirmados em lei como direitos e deveres desproporcionais na construção dos indivíduos, que sem limites, levantam-se destruindo a família na imensidão das propostas de desconstrução feitas por pseudo-sociólogos, valorizados nos descamisados de Evita que, hoje pairam como assassinos pela

América Latina, autodenominando-se libertadores, quase sempre adonando-se das riquezas das nações distribuindo entre seus familiares e amigos dos amigos, destruindo para conquistar o poder a qualquer custo e a principal vítima são as crianças, que sem noção e sem limites vão para o campo sem retorno servindo ao crime que suporta a escalada do controle social feito de forma comum para o comum pelo comum.

Discursos dos espertalhões, que pregam facilidades advindas, quer seja com a bola por referência, ou o Funk como opção, sem amostra do que está nas entrelinhas, dos partidos criminosos que expurgam, as esperanças no cheiro ou na fumaça da permissividade do crime, como referência da apologia ao sistema comunista falido, prostituído no caos do sangue latino, que apressa-se, a promover a liberdade das dogras num processo de alienação massiva assegurando o poder a qualquer custo.

A escola da diferença está cada vez mais indiferente à verdade, embora próxima da infidelidade dos que nela vêem o único caminho para o mundo melhor, sem o devido preço da conquista. As condescendências da lei para o crime é via de mão dupla para assegurar a não resistência dos que formados, não têm competência para interpretar os textos mais complexos, que podem promover a libertação social pelo entendimento da proporcionalidade do ato pelo fator do fato social cometido.

Desafiada a ser a salvação da lavoura, a escola controlada pelos imbecis que, falam de liberdade, enquanto fomentam a ditadura, impondo conceitos azedo, ultrapassado, que impedem o professor de construir para e apontar caminhos, para que o aluno se construa. Decantando-se serem trabalhadores sem se quer saber o que é trabalho. Escondido nos porões dos sindicatos, onde crimes hediondos acontecem, vagabundos protegidos por leis combalidas na realidade atual, negociam e enriquecem, sendo objeto de troca o sangue dos que produzem verdadeiramente sem ter direito social e a dignidade respeitadas.

Os mestres de trampolins estão em todos sindicatos brasileiros, todos tem um só objetivo e bem longe das políticas trabalhistas, quem menos importa é o trabalhador, menos ainda a solução dos problemas dos sindicalizados, pois resolvidos, não têm moeda de troca com os partidos. Todo vagabundo dito de esquerda, quando põe a mão no dinheiro do sindicato, busca se eleger vereador começa a jornada dos sonhos de todo socialista, o roubo de verdade, o fácil do bem viver.

A escola que não ensina política como arte de negociação, leva o aluno na alucinação de pensadores mortos, sem realizações plausíveis, entrando para qualquer partido, que está no clube dos que não tem

compromisso com as políticas públicas, é o elo que deve ser rompido para que o mal prevaleça, pois para que aconteçam mudanças, ainda precisamos ir às ruas, visto que, aqueles à quem pagamos salários vultuosos, diga-se de passagem controlados por eles os beneficiados, ladrões descarados, bandidos assegurados pelos atos por eles elaborados e defendidos como se democráticos fossem, pois republicanos jamais serão, garantem a escola dos analfabetos funcionais e Universidades sem pesquisa, haja vista que conhecimento produzido traz liberdade assegurada.

Governantes que desprezam o conhecimento, castigam os excluídos, pagadores de impostos sem retorno, escravos brancos sob a chibada da lei e da ordem, fabricada pela desordem social dissimulada. Não têm interesses na escola libertadora, que ensina política como cidadania; e assim para que a cidadania não venha pelo nivelamento fazer a política que necessitamos. A estes não interessam professores respeitáveis edificadores de mentes, mas mediocres socialistas que não percebem a cidadania com princípio da política.

A educação continuada na visão destes pseudos homens públicos, caridosos bandidos que destroem a escola pública para garantir o controle, feudo assegurando, a miséria imposta, a certeza da corrupção predominante pela oligarquias instaladas e disfarçadas. Bolsas de ajuda a partido do fulano e ou coisa que o valha, quando deveria ser política de educação, saúde e segurança, supra partidária, onde o governo tivesse que ouvir a população para poder efetuar mudanças.

O caminho da liberdade republicana está na escola da cidadania, na divisão do conhecimento construído na inclusão indiscriminada numa legislação onde o cidadão seja o alvo da construção do país sem modismo, sem direitos que, não sejam, o de correspondente dever; onde a moral e a ética estejam na família, longe da interferência do estado bandido e corrompido, instalado na anomia da sociedade sem destino que vivemos.

Desta sorte, podemos chegar até a escola, onde ensinar os diferentes não seja um fardo na escola dos desiguais, mas, a escola onde as desigualdades sejam, o princípio das igualdades respeitadas nas diferenças e as nuances de políticas públicas para a cidadania aplicada e não fragmentada pelos débitos das minorias, que ditam as normas desrespeitando a fundamentação primordial da democracia republicana, a maioria é igual, a matade mais um.

A república está condicionada à liberdade, a responsabilidade de um por todos, na contra partida de todos pelo uno. A cidadania é o único viés pertinente da igualdade, pelo direito constituído, mas tem como "se no quo a non", a responsabilidade do dever balizador que,

cobrampostos, mas faz sua parte como administração. Encenar neste teatro, onde os atores necessitam criar e colorir seus personagens tabulando a realidade nos recortes construídos com planejamento organizado, a partir das propostas do anseio social com fortificação dos princípios metodológicos, éticos e morais aplicados na política com arte de construir mundos e pessoas.

A escola é uma constante avaliação de atos, reside na observância do aperfeiçoamento do ser nela construído, fatos e resultados culminados em soluções nascidas entre o corpo e a cabeça, quando o pensante leva uma nação à autonomia de seu caráter forjado na experiência de seus mestre construtores antes dos ensinadores, que controlam o currículo.

Esse feedback da avaliação permite, que se processe a evolução da relação entre o que, ensina e o que aprende. O Mecanismo que define as várias mutações da educação no país não dispara o gatilho da cidadania, da ética e moral.

Não trabalha a história na realidade do dia a dia na produção interpretativa do mundo a volta do indivíduo e seu meio de convivência e interatividade. A mentira deslavada da informação ofertada com floridos enganosos fomentando o desrespeito à cidadania.

A impunidade das ditas infrações levam o crime para dentro da sala de aula, daí dizer que é normal a criança e o adolescente serem criminosos é, pura falta de respeito com a construção da cidadania que, deveria cobrar a legal proporção da pena ao crime cometido é por estes instrumento da anomia social, estabelecida pelo descompromisso dos governantes, que o desleixo instalado no denota o caos. No disparate da apologia ao crime como solução.

O fim da idade penal pode ser o começo da idade cidadania, e deverá ser o começo das responsabilidades familiares pelos crimes que, a falta de atuação da família no indivíduo, afeta a sociedade na sua construção básica, que infelizmente reflete no dia da escola. A doença social provocada por leis equivocadas, direitos sem deveres proporcionais, tem sido de alto custo para o povo brasileiro, mastigado pela corrupção do sistema político, que guarnece bandidos e amigos sob a toga da indiferença da justiça.

A escola é a saída do beco sem saída, pois só a escola tem a luz no final da viela da ignorância, o resplendor, que eleva o espírito aos olhos do criador de todas as coisas. "Quo Vades Brasil"? Como queres chegar a algum lugar colocando vendas nos olhos das tuas crianças? Isso quando não promoves a prostituição destas com leis benevolentes. Onde queres chegar com a permissividade, com a obscenidade disfarçada de liberalidade, quando a impunidade desenfreada arquiteta,

o fim, da tua sociedade no colo de filósofos embriagados pelo poder desmedidos, nas mãos revanchistas o destino do povo levado, a perda de identidade, urrando de fome pela justiça, envergonhado pelo cansado passo na estrada vazia de tudo, inclusive de fé.

Professores perdidos numa crise de identidade sem mensuração possível, pelo desonesto salário que recebem, bem próximo do desumano, bem longe de suas necessidades. Onde o exemplo não consegue sobressair à falácia. Um aluno do oitavo ano olha nos olhos do professor e questiona:

Quanto você ganha? Dois mil, para trabalhar o dia todo e levar trabalho para casa? O professor desarmado, calado, abusado e massacrado sente o grosso calibre da pistola encostar na sua cara, enquanto o garoto conclui. "Eu ganho o teu salário do mês num dia de movimento fraco; e mais, se eu te mato agora não vou nem preso". A lei está do lado de quem? Por Quê ninguém quer ser professor(a)? Ser professor neste país é vergonhoso, os que se mantêm é mais por sacerdócio, pois o salário, como dizia o CHICO ANÍSIO, OH! Assim ensinamos, assim aprendemos, assim resistimos por necessidade de mudança, sendo restringidos pelos atos legais e imorais, que nos proibem de falar a verdade em estatísticas que, vão para além da ficção, assegurando o poder dos mirabolantes mentirosos, que descarados nos governam, mas que, asseguram rios de dinheiro migrando vantajosos para grupos de interessados, em uma escola que, nada ensina, mas tem professores que nada sabem, e nada querem, assim, capazes de cumprir seu papel. Socorro-me em São Thomas de Aquino, que do alto de seu conhecimento e inspiração afirma: "Vemos nos seres que uns são mais ou menos bons, verdadeiros e nobres que outros[...]".

Quando se fala de diferenças é preciso ir além das necessidades prioritárias, entender que a exclusão é para além da fronteira do visível, no invisível plano que, o governo estabelece e se esconde para as soluções. E na máxima de Tomás de Aquino devemos nos inspirar para compreensão da natureza humana com tolerância e aprendizagem. Observando a prática de alguns, compreendendo as práxis de outros devemos pois, construir nossa própria práxis para dentro da nossa realidade edificarmos nossas jornadas.

Olhando pelos olhos do professor CHASSOT e aprendendo com este, o olhar do especialista destrói, o ver da multidisciplinaridade necessária à compreensão holística do universo, que se desencanta para a racionalidade do ensinamento e da aprendizagem multiconstante. Os vários saberes permitem um ser sensível complexo, mas intensamente humano e reflexivo na dimensão holística do ser.

Entendido em COMTE como estados e em WEBER como ação

consequente dos Fatos percebido por DURKIEM. Essas nuances não assumidas na escola dos incapazes, obstruem as diferenças de modo a criar valores destruídos pelo despreparo dos desiguais na escola das funcionais diferenças dissimuladas no achismo tão protegido pelo populismo ignorante. Imposto pela qualidade baixa dos políticos e seus quadrilhas, que dançam ciranda dos interesses particulares suprimindo o coletivo.

A escola resolutiva permeia os diversos espaços da construção do ser, e nela cada um tem o seu papel. A sociedade com seus reflexos controlados pelas leis, o estado fiscalizando e executando estas leis emanadas do seio da sociedade isoforme na aplicação das ações determinadas, a família ativa no seu papel educador e mantenedor das tradições repassando sua identidade, pois sem esta o indivíduo se perde no contexto.

A escola sob as diversas influências trabalhará a instrução e a cultura deste indivíduo a fim de torná-lo, percebedor destas nuances pelo viés do conhecimento partilhado e compartilhado, na busca da compreensão do igual e solidariamente no desigual, no ambiente escolar, que vai levar à vida reflexiva e construtiva, positiva na sua complexidade à quem da verdade posta.

Esquecer Salamanca é perder a oportunidade de tornar melhor o mundo. Não digo, que a UNESCO promove igualdade. Longe disso, as ações de controle que promove, favorecem aos corruptos e poderosos, sempre disvirtuadas para fins do controle bem antes da libertação. Impossível deixar de olhar as dificuldades como deficiências, pois nos níveis diversos todos somos diferentes, igualar essas diferenças passa pela compreensão do nível de percepção do outro em relação ao todo e a si.

As determinações do PNUD e do BIRD estão para a segregação do currículo, mesmo quando dispõem para suposta liberdade. JONTIEN e Nova Déli discutindo a educação para todos de longe permitir a libertação curricular. Os apegos aos indicies tornaram a reflexão dos que governam para controlar o poder pelo poder. Não se pode igualar os diferentes mas, o respeito entre as diferenças e as possibilidade de aproximação dos mundos, passado pelo respeito a estas diferenças nos permite conceber a igualdade.

Essa escola deficitária, desprovida de compromisso na sua base estrutural, mas arrojo de esperança para quem deseja o melhor da vida sem esforço do trabalho, é firmada em indicies e não em resultados. Necessário se faz que o indivíduo deixe de ser um número para se tornar um cidadão, sem cor, sem credo e sem religião, mas uma pessoa. Assim mostraremos o ir de lugar alguma para não sei aonde.

JOÃOZINHO E MARIAZINHA NA ESCOLA DE ZÉ WASHINGTON.

Urge a necessidade de entender quem é Joãozinho, quem é Mariazinha e quem é Zé Washington. Tudo começou numa manhã de segunda-feira, primeiro dia aula, na Escola do Brejo de dentro, lugar onde o Judas perdeu as botas. Lá tia Dôra com sua saia de um palmo e blusa transparente que dava para ver a cor do sutiã branco encardido de todo dia.

A Escola do Brejo de dentro era qualquer coisa, que caindo pelas tabelas, desapontava com furos maravilhosos no teto, que permitiam os raios de sol, mas deixavam as águas das chuvas invadirem o templo do saber.

Joãozinho taxado de retardo, com olhar fixo no horizonte era surdo o cuitado, no Brejo de Dentro, estigmatizado de surdo-mudo, leso, doidinho e outros pejorativos. Dona Dôra, professora dedicada, aceitou Joãozinho na escola; percebeu suas dificuldades e foi em busca de informação, então descobriu que, surdo também aprende; e foi aprender como ensinar.

Foram longos dias aprendendo como romper a barreira do silêncio, como se fazer ouvir na escola do onde tantas diferenças permeavam o cotidiano.

Automatizar o aprendente nesta escola dos diferentes necessitava-se um pouco mais que esperança, um pouco além de querer fazer. O brejo de dentro vibrou quando a professora retornou trazendo consigo a novidade: "...Se alguém deseja aprender o professor deve capacitar-se a ensinar..." Lá estava tia Dôra, trinta e poucos alunos mais três com necessidades especiais. Mas, então, já não havia coitadinho. O surdo precisava de LIBRAS e Português, e Dôra entendia que era preciso começar o mais urgente possível, começou a trabalhar sinais, Mariazinha olhada como doidinha encapetada, passou a ser olhada com TDAH, enquanto Washington era portador de altas habilidades tonal que deveria fazer a professora para não deixar este aluno não perder o interesse.

A escola do brejo de dentro tinha novidades, a professora estava falando diferente, e inventando moda de ensinar língua de sinais, mas se a molecada estava satisfeita, os pais estavam satisfeitos. Tia Dôra então, resolveu aproveitar as altas habilidades de Washington para facilitar a aprendizagem de Mariazinha. Assim envolvendo todos, e valorizando o pouco que tinha tia Dôra começou a fazer as crianças perceberem a escola detalhadamente.

A escola do Brejo de Dentro foi construída de frente para o nascente, assim o sol acorda e aquece sem castigar as crianças, o vento sempre entra pelas janelas laterais atravessa a varanda, não permitindo que o

calor tire das crianças o prazer de brincar.

Surgida da vontade de cada morador, que, pedra por pedra, tijolo por tijolo ergueram a escolinha do Brejo de dentro para dar esperança para os que ali nasciam. Tia Dôra conta para os alunos sobre o tempo que foi aluna, a sua professora era uma Freira, que morreu logo que ela foi morar na cidade. Assegura que as janelas e as portas sempre foram azuis, mas as paredes eram brancas na sua época. Washington traduzia para Joãozinho o que ele não conseguia entender, Mariazinha recebia apoio dos demais alunos.

Joãozinho sinalizou à professora que, o verde da parede é mais bonito, que o branco, suja demais. Todos riram. Mariazinha observou que a largura do corredor era bom para correr, afinal era um corredor, que não corria. Todos os anos a professora Dôra coloca seus melhores alunos nas melhores escolas da capital, não raro com bolsas de estudos.

A escola do Brejo de Dentro mostrou as cores do arco-iris na inclusão que sonhamos, mas a dureza da nossa realidade pela ausência de políticas públicas, principalmente pela qualidade do homem público brasileiro, que não conhece o conceito de honra menos ainda de ética; não conhece a necessidade de limites na construção social por ser o caos o melhor ambiente para se instalar anomia social e toda a suas mazelas produzidas no ócio digno da corrupção palaciana.

O grilo ainda canta no brejo de dentro, a luz da lua ainda escreve poesia no peito cheio de esperança dos que acreditam em dias melhores. A qualidade nesta perspectiva, não está presa a valores materiais, mas profícuo na razão de valoração moral no fazer pelo angular proposto pela cidadania na visão coletiva, sempre pelo todo. Construir uma visão heurística sem um modelo pedagógico fundamentado nas necessidades reais da produção, gera acertadamente um fazer de conta que ensina, uma faz de conta que aprende, além da falta de objetivo defrontamo-nos com inobservância do trabalho como base da produção e da evolução do ser.

A vontade foi também considerada como um modo do pensamento e identificada com a faculdade de julgar (juízo), especialmente nos sistemas de Descartes e de Spinoza. De acordo com este modo de ver, todo homem se teria tornado o que é, em seguida ao seu conhecimento: - ele vem ao mundo como um zero moral; conhece então as coisas cá de baixo e se decide em seguida a ser tal ou qual outro, a conduzir-se de tal ou qual modo;

poderia muitíssimo bem, adquirindo novos conhecimentos, adotar nova conduta, tornar-se, portanto, outro homem. Além do que, com esta teoria ele começaria por conhecer que uma coisa é boa e por isso a

quereria: enquanto, ao contrário, primeiramente a quer e depois é que a qualifica de boa. (SCHOPENHOUER p.16) Aprender a ser e saber aprender, é sim, um dever de cada um na busca de dias melhores, na construção da cidadania individualmente inata, pois se nasce pertencente a algum lugar onde certamente estarão perenemente nossas raízes e nosso amor servil, pois até amar se aprende, a vontade nos impulsiona enquanto determinada pelo querer.

A escola que sonhamos é ampla, prática e definitivamente produtora, pesquisadora, pois está fundamentada na pergunta e não na resposta e ambas no impulso de querer fazer. Buscando sempre o futuro sem perder o passado de vista. Não se edifica cidadania senão, sobre os veios da história que sustenta as nossas tradições, que deixaram de ser trabalhadas na escola fantasmagórica de hoje, abstida de despertar a vontade de conhecer a verdade inata do querer realizar. De repente me veio a mente MATURANA:

Decimos, proclamamos, argumentamos, que el futuro es incierto, que nada es seguro, que en pocos años los conocimientos se hacen obsoletos, que tenemos que lograr el éxito a cualquier precio, y lo decimos, proclamamos, y argumentamos en la familia, la calle, las universidades, la vida pública, los programas de televisión. Pero nos sorprende que haya drogadicción juvenil, delincuencia juvenil, violencia escolar, violencia familiar, abusos laborales, embarazos juveniles, deshonestidad.(MATURANA). Percebi a força latina proclamando a realidade, que se arrasta na nossa falta de identidade, pois perdemos a noção de vontade de fazer, mais propriamente no Brasil onde a Escola de chão de barro batido tem mais força que, a covardia desqualificada e partidarizada do currículo escolar que, priva a liberdade de ousar ensinar. A ética perdeu-se da estética e enveredaram pelo sumidouro da moral e dos bons costume. Braço da vontade, das realizações de pensamento voltado para o todo.

Na escola de pé no chão, sem merenda, pois um determinado político apropriou-se indevidamente do dinheiro para este fim destinado, e descaradamente empregou nas suas necessidades, não raro pessoais. Mas o professor, mal pago, mal assistido, mantém-se firme utilizando revistas e outros recursos para forçar seus alunos a ler e interpretar e assim perceber suas vontades adormecidas pela ignorância. Enquanto isso, os canalhas disfarsados, querem introduzir educação sexual às crianças de dez e doze anos de idade, no tal currículo básico comum, pensado direcionar a filosofia da dominação utilizada para o controle. A desobediência civil esta totalmente organizada pela legislação contaminada onde a propriedade inexiste.

Essa impunidade ultrapassa o muro da Escola, invade a sala de aula,

enquanto o tudo pode é reforçado por criminosos nas mídias. A escola continua diferente e seus componentes continuam desiguais. Esse movimento de invasão não contribui com a grande esperança de uma escola melhor, pois o direcionamento político priva o conhecimento de contestar, priva o aprendente de debater, de questionar e a falta de questionamento é o apogeu da mediocridade.

A resistência da Escolinha do Brejo vai desaparecendo com os embates da professorinha que virou tia, e esqueceu de que o melhor teórico da educação é o docente do dia a dia, que dispõe a ensinar mesmo quando é humilhado com um salário vergonhoso, que ajuda a formar ingratos que jamais lhe dirão um obrigado sincero.

O chão batido da Escola, onde a alma do professor habita, sempre produzirá os melhores alunos mesmo contra toda adversidade. A escola não pode ser um celeiro de experimentação, ou tão pouco um local de desvirtuação da sociedade. Na Org. Rogério Diniz Junqueira /2009.

Como podemos observar, aqui também as questões referentes ao gênero emergem com grande força, intrinsecamente vinculadas a outras relativas à orientação sexual, em um campo minado por preceitos, preconceitos e tensões, fontes de ulterior sofrimento. Não por acaso, dependendo, por exemplo, de como se delineiam as possibilidades de reconhecimento (entendido como aceitação e auto-aceitação) das diversas orientações sexuais e identidades de gênero, jovens e adolescentes poderão preferir atribuir-se ora uma ora outra identidade, inventar outras, recusar todas, ou aprofundar-se em um angustioso silêncio. Não surpreende que muitos poderão autodesignarem-se "heterossexuais" mesmo quando mantiverem quase somente relações homoeróticas.(JUNQUEIRA 2009)Na escola de chão batido não há tempo para a novidades de mudança de genero, ou de ideologia a ser seguida, é preciso aprender para não morrer de fome no futuro, as contradições do vigiar e punir, não se aplicam as realidades postas, pois o crime se organizou, e as falacias de FOUCAULT, se perdem na autoridade do crime que não foi punido exemplarmente com o rigor necessario. A necessidade da punição exemplar e reparadora dever ser posta se quisermos uma sociedade real, justa.

Enquanto aplicamos o vigiar e punir Foulcaultiano, o tribunal do crime aplica o forno micro ondas para punir seus desefetos, exterminando famailias inteiras. É a inversão dos valores. Disse o pensador, o quê nos impele é a vontade, e ir para além do comnhhecimento é uma consequência desta vontade disse-nos (SCHOPENHAUER et all) nas sua reflexões. Impelido pela observação do óbvio, a injustiça impera pela desconstrução da escola , pela desconstrução família e pela cesconstrução das relações afetivas. Hoje

deturpadas polidimensionadas pela ditadura das minorias.

A cultura de terror generalizado imposta sobre sociedades afetadas por graves e constantes violações de direitos humanos exige, para o restabelecimento da paz e a reconciliação nacional, a adoção conjunta de mecanismos de transição aptos a suprir os anseios das comunidades envolvidas, auxiliar o processo de transição democrática e primar pela preservação da memória histórica, mediante a descoberta e propagação da verdade.

(BENVENUTO p.166. 2012) Essa orda que promove a desordem, quando chega ao poder invade a escola com liberdade prosáicas e mentiras absurdas, promove a revolta popular alimentando o ódio incontrolável para esconder a incompetência de governancia, criam uma comissão de verdade de lado só, promovem a tal desconstrução para reconstruir, depois disso na divisão só restam os amigos do partido e a população livre, morrendo de fome nas filas assistenciais, pois perderam a dignidade do trabalho e do valor do ser humano. Foi assim nos vários países da America ensaquentada do Sul.

A escola não vai ensinar resistir , pois os professores já estarão sobre a tutela das ovelhas e sendo gado já são conduzidos por um sindicato bandido e anti democrático a serviço do governo, mentiroso e covarde. Enquanto os que resistem ao crime de lesa fé vão sendo aniquilados pela mentira e falsa propaganda de benefício que nunca chegarão ao povo, ou que jamais sirão do papel.

Conselhos se estabelecem, não para defender o povo, mas para protegeram os que pagam. A democracia socialista é a piada de maior mal gosto já contada por bandidos que se dizem honestos e que defendem o povo, que não excede a família dos que governam. E escola das igualdades permanece cada vez mais desigual, pois os diferentes vão estudar no estrangeiro pagos com o dinheiro da sociedade explorada, enquanto o povo mendiga, é privado do direito da escolha e tem a fome como companheira constante. Vide a RUUSS, que caiu por incompetência administrativa,restou uma máfia mundialmente temida e perigosa, vide a Venezuela, que de tão promissora tornou se um bolsão de miséria. A escola que forma o radicalismo do pensamento de domínio e poder pelo poder.

Vislumbramos uma Escola que permita o conhecimento da matemática o aperfeiçoamento do conhecimento da língua materna e que coloque todos no mesmo patamar de conhecimento, queres uma escola verdadeiramente de qualidade e promissora, determina por lei que todos os filhos de políticos cursarão seus estudos em escolas públicas. Quando falamos de escola inclusiva começamos pela qualidade da formação do professor, passamos da capacitação à humanização. Sem

a idiotização da tia, que é um absurdo. Quem deve educar a criança é pai, mãe, tio, tia e a sociedade de modo geral, professor tem que conduzir o aluno ao conhecimento. Colocar o aluno na trilha do saber e do ensinar. Sim, pois quem exerce a praxis aprende e não raro mais, que ensina.

A Escola vislumbrada para uma sociedade grandiosa, não pode sequer ser menor que o sonho de justiça social que reside na cerne de cada sonhador. A liberdade é a força que impele às realizações, mas de certo é que na utopia da existência do ser livre, só é aquele que verdadeiramente se escraviza à liberdade. É o preço a pagar para realizar sonhos.

É na escola que estas fulguras se impelem, não raro pelo sonho de um bom professor, que não desiste, que acredita na transformação do ser pelo saber. O ser humano não muda nada a não ser a si mesmo, e ao automodificar-se, modifica seu entorno, o seu mundo. Nessa mudança onde será melhor o seu mundo, quanto melhor e mais oportunizada for sua escola, as desigualdades são fatores "se no quo a non", para o aperfeiçoamento das convivências, para as relações evolutivas das diferenças, que per si, promovem as igualdades.

A função da escola instuição, na edificação do desenvolvimento social, individual e coletivo está para além do currículo comum, bem além dos reflexos sociais cotidianos. A escola produtiva antecipa-se, na construção do amanhã, edificando novos pensares, movendo obstáculos oportunos, sem desconstruir a moral e os bons costumes nas relações interpessoais e nas relações coletivas.

As diferenças não são observadas nas particularidade, mas estão implícitas nos pressupostos dedicados ao compartilhar e analisar conhecimentos observando as igualdades. LENTIEV afirma:

Além da transformação e enriquecimento do conteúdo objetivo das necessidades humanas, também ocorre mudança na forma de seu reflexo psíquico. Essa escola que desejamos tem que estar apta a essas evoluções permitidas no crescimento humano, voltada ao bem estar comum.

Não podemos permitir que as diferenças se tornem desigualdades. A escola tem a capacidade de desenvolver mecanismos de convivência e relações interpessoais que, se no curso deste desenvolvimento forem trabalhadas rotina escolar pela evolução das salas de aulas, onde o processo de relacionamento se dá de forma ampla e naturalmente descomplicadas respeitadas as diferenças, as desigualdades quase desaparecem. (ALVARENGA p.76), nos ensina "Toda ação é determinada por uma emoção agradável ou desagradável, intensa ou fraca;

isso ocorre inclusive quando raciocinamos, levando-nos a correr de medo, bater de raiva, abraçar por amor, etc." Com esse olhar é perceptível que, somos autores de nossos rumos, senhores das nossas vontades. Schopenhauer et al, no ensina que a vontade precede o conhecimento e sua organização, a escola que necessitamos tem que tomar seu destino em suas mãos e reconstruir nossa sociedade produzir divisões, estas foram feitas para promover a anomia social nas escalas desejadas para o domínio do caos.

Na escola do caos, que não ensina matemática por falta de professor, que não necessita de tanto rigor na formação na língua mater, é a escola que deseja ensinar educação sexual para pré adolescentes e lhes ensinar a reconhecer ainda com doze anos qual é seu sexo. Essa criança totalmente abandonada não tem disciplina, não conhece a ética, não sabe conceitos de moral e de bons costumes como fundamento teórico, é capaz de escolher seu sexo antes de sua formação, mas não está apto para outras decisões, nem responder por seus crimes. Vide Maturana p74" ...Eu chamo este tipo de sistema sociais, por que os fenômenos que se dão neles são inestinguíveis. As mazelas psicológicas desenvolvidas nas crianças serão marcas profundas, que afetarão a qualidade de sua formação.

É necessário vivenciar a infância, a pré-adolescência e a adolescência até chegar a idade adulta, cumprindo as etapas naturais de qualquer ser em desenvolvimento. Quando quebramos os pactos do aprendizado, quebramos a qualidade da formação.

Referências:

ALVARENGA, Galeno Procópio M.-HOMEM ANIMAL DE DUAS CABEÇAS www.galenoalvarenga.com.br EVELY, Boruchovitch- Psicologia Escolar e Educacional, Vol. 5 2001.

JAYME BENVENUTO LIMA JUNIOR- DIREITOS HUMANOS E VIOLÊNCIA NA AMÉRICA DO SUL-Rosário-Foz do Iguaçu 1 edição 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. DIVERSIDADE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO problematizações sobre a homofobia nas escolas.-Org.- Brasília, 2009.

MATURANA, Humberto; MUÑOZ, Ignacio-Sustentabilidad o armonía biológico-cultural de los procesos?-Todo sustantivo oculta un verbo.-

Ximena Davila, Humberto Maturana, Ignacio Muñoz

& Patricio García Maturana, Humberto Rmésin- DESDE LA BIOLOGÍA A LA PSICOLOGÍA. 4Ed. Ed.

Universitaria Chile.2006.

SCHOPENHAUER, Arthur-Versão eletrônica do livro quatro (4) da obra "O Mundo como Vontade e Representação"

[.http://br.egroups.com/group/acropolis](http://br.egroups.com/group/acropolis).

LEONTIEV, Alexei N.- Actividade Consciência e Personalidade - Artigo. 1978

ENSINANDO OS DIFERENTES NA ESCOLA DOS DESIGUAIS
Alberto Silva | Observando-se os vários aspectos das relações conturbadas entre as diferenças no ambiente de convívio escolar, permeados pelo conflito familiar eivado de contradições promovidas pela interferência do estado bandido e marginalizado na sua essência sem qualquer referência positiva de honradez e ética, enquanto, detentor do poder de resolução de problemas por meio de políticas públicas notadamente corrompidas e abertamente impunes, refletindo na desconstrução da cidadania atrofiada pelo status quo".

As interações e relacionamentos interpessoais, no processo de integração com o meio que poderia trazer um novo rumo ao chão da escola, perde-se na ineficiência do feed-back necessário, com o extra muro escolar e suas reflexões alijada pelas deformações da má informação na divulgação dos direitos sem deveres aos menores de dezoito anos, bem como, as inflexões na sala de aula, onde o professor, engessado pela legislação imoral e desagregadora fica a mercê da maldade dos elaborados vícios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Este deletério aplicado como remédio jurídico fomenta, o emprego da incompetência e o vício da vida fácil, protegendo a violência garantindo uma legião de assassinos impunes, a benefício dos herdeiros das oligarquias proliferadas, sustentada e mantidas pela miséria de muitos para benefício de poucos, contra-partida dos subentendidos dos donos do poder, que alencam falas para destruição da empatia e da verdadeira cidadania. Uma apologia à anomia social onde se fundamentam os radicais, que falam da burguesia, mas vivem na freguesia burguesa sem a mesma disposição para o trabalho.

Em todas as regiões e microrregiões do nosso país, a educação de somenas importância aos aliciamentos políticos, necessitados do voto sem contra partida devida, o fino mister e a fina nata da má-fé, o distanciamento do discurso da prática que, iludindo e mentindo usam a educação com bandeira de um escola de mal intencionados praticantes do eu primeiro e do agora meu pirão.

O dito "Chão da Escola" fica comprometido nas promessas eleitoreiras, infinitamente descompromissadas com a realidade do povo brasileiro, vitimizado pelo descaminho e pela má-fé.

Entenda-se o chão da escola, in loco, dever-se-ia ao ofício encontrar como saída para os prejuízos demandados da falta de compromisso do estado com a criança, políticas locais que, desenvolvesse uma educação integral na amplitude da palavra e na essência do

entendimento, pela eficiência e eficácia, logo precisa de um currículo amplo com a prática dinâmica, o baixo custo da operacionalidade não pode comprometer a qualidade, pois esta advém da escolha de fazer ou não fazer, querer ou não querer. A escola e seu chão são dos alunos, sem eles o professor perde o sentido, descaracteriza sua funcionalidade integralidade na abordagem do meio.

Permissividade nociva do E.C.A., (Estatuto da Criança e do Adolescente) promove no sujeito em construção, a impunidade em convívio com o dito risco social, a sensação do falso poder embasado no crime e na impunidade declarada na excessiva apologia ao direito sem a devida proporção dos deveres, vitimando a comunidade mais desassistida no eixo e nas vertentes próximas da escola, a família e a comunidade escolar.

A escola ociosa de chão batido envolta em sonhos de professores, que resistem a idiotização do livro didático, bem como marginalização do professor sonhador, pela má qualidade do material didático disponível ou inexistente. Carente, certo de um quê, de tudo posso, mas nada respondo, tendo como limiar as certezas das impunidades dos que a cima deveriam dar exemplos, mas que corrompem, os favores da incompetência na proteção, ao crime violento como referência de poder, para o jovens no cotidiano comunitário dada a decadência da legislação corruptora praticada na excelência dos foros privilegiados, que falam de desconstruir para reconstruir.

A autoridade do criminoso, que não estudou, mas manda fechar o bairro, atear fogo nos

ônibus, mesmo quando está na cadeia, sob a custódia da justiça prevaricadora, é a referência de mando, desmando, é o poder, como exemplo de vida, é aforça que move a juventude ociosa, a ostentação do paralelo fixando normas avessas, enquanto e porquanto, o estado de direito, vilipendiado pela autoridade constituída ajoelha-se, às lei elaboradas para benefício de alguns, contra o interesse do todo cansado de ser extorquido.

Dada a desconstrução dos valores, que norteiam as famílias, suas rotinas estruturais na sociedade, na religião, na civilidade, bem como, as anomias geradas nas complexidades dispostas na frequente destruição do pacto social, por aqueles que deveriam aperfeiçoá-lo. Como falar de inclusão se o estado execra e não disfarça, não recua. Avança irreponsável para o encontro com o mau, causando o mal aos que, estão no trajeto para rota de inclusão deveriam ser, por tanto, orientados na eiva do conhecimento com sabedoria e leniência.

A inclusão nasce da empatia que, passa pelo estar, ou se por no lugar do outro. Percebendo assim, as mazelas a que são expostas, nesse

limite percebemos o quanto nos postamos no lugar do outro, como nos conduzimos nesse instante? A acima de tudo a invisibilidade da dor alheia. O olhar que passa essa emoção está intrínseco ao conjunto de princípios da educação, religião e cidadania, esta trabalhada na família, que aliada à escola, modela o convívio social traçado pela ancestralidade, com mensuração do entendimento deste, no que conviver em sociedade.

Construir a partir das vivências livremente compartilhadas, na busca do entendimento pela compreensão do outro, o chegar junto pela certeza da igualdade, não pelo interesse de algum proveito a ser dividido na escuridão da ignorância, a noite onde habitam todos os preconceitos, que cai ao raiar do dia sob a intensidade do brilho do sol despertado pelo conhecimento, luz edificadora das sociedades produtivas enriquecedoras.

Incluir é convergir para em seguida divergir sem conflitar, mas buscar o ponto de equilíbrio entre os entes. Incluir está permeado de empatia, sem o menor teor da indigna piedade. Dessa integralização desnorteada, pautada em mentiras fabricadas para justificativas de lesa fé pública e faz de conta da importância da educação, a competição gera mentes prodigiosas na busca de soluções rentáveis, enquanto o fisiologismo onde tudo é distribuído na dose encontrada pelo oportunismo, na busca do objetivo comum de um grupo que tudo faz para obter controle, que é a manutenção do status quo, o poder pelo poder, nada mais. Uma projeção desastrosa do inacabado, do desconstruído, do analfabetismo funcional, do acabestramento das mentes que se pensam pensantes, mas não teorizam na verdade da observação dos fatos.

É necessário convergir nos acertos e divergir na esperança dos debates, do questionamento que cria e desenvolve novas ideias. Escola que precisamos está carente de pesquisa, precisada de questionamento e não da hipocrisia da academia corrompida e desmoralizada pela incompetência dos que deveriam privilegiar a educação, e não passam de capachos dos criminosos que governam.

Nesse viés podemos sentir na rotina escolar a iteração e a integração do aluno no seu processo de construção acadêmica em relação a educação recebida no seio da família. É o momento que nos é dada a oportunidade de avaliar nas relações interpessoais entre pais e filhos. Impossível é administrar os conflitos sem o reconhecimento das fraquezas e seus pontos de insidência.

Ensinar na escola das diferenças e das desigualdades, urge o entendimento de como atingir o aprendente, sem deslocá-lo, de seu eixo abruptamente; cada um tem seu tempo de aprendizagem, uma

fórmula própria de entender o mundo e de perceber-se, dentro deste contexto, essa compreensão advem das relações familiares com o mundo e de sua leitura crítica do seu universo pessoal e cultural. Criar métodos, passa pela necessidade da prática, quando forjada no entendimento individual, que se eleva para o coletivo, observadas as necessidades de ensinagem adaptadas, a uma rotina de profundo respeito ao tempo de aprender na necessidade cada um. Observando-se ainda, que, na escola dos diferentes somos todos nós excluídos, pois nos são tirados direitos básicos, bem como oportunidades indispensáveis para edificação de seres melhores, enquanto eles, dão-nos o superfluo; e riem das nossas lutas inglória, contra um estado de direito violado pelos mesmo que deveriam assegurá-lo.

As leis promovem a exclusão, jogando um indivíduo contra o outro, nessa propaganda do social, da cidadania fragmentada do poder das minorias.

Esse processo de divisibilidade do invisível cria a versão do cidadão multifaceado ilusão sociológica da igualdade. O indivíduo já vai para o debate com o resultado conhecido, pois, o excesso de direitos sem o real proporcional de deveres, não discute os conflitos das classes e promove o preconceito radical pela possessão da verdade, pois já se decidiu pela cidadania das minorias diferenciadas, ofendidas, ampliando os conflitos e radicalizando as tensões e tantas outras intenções por trás do verbo explicitado; o diálogo passa ser inútil.

Pelo excesso, o estado extorquindo aqueles que produzem, a saber, o dono do capital e o trabalhador é pelo descompromisso e pela falta de vergonha que os demais, por poucos poderes nos afrontam com regalias que, vão além dos privilégios, no berço da imoralidade, da impunidade do inatingível, do intocável, do amaldiçoado cantado no domínio. A mentira é a arma do controle e do descontrole.

Fica a necessidade de integrar todas as diferenças, que vão desde a forma de aprender até a forma de ensinar, mas nos conceitos humanos e não humanizantes, pois, a escola nada mais é que o reflexo da sociedade formada e ou deformada nos movimentos sociais e antissociais que, se formam nas comunidades influentes na vivência do alunado, ou seja, a escola sempre vai refletir o que é trazido da família associado as vivências da rua, que na interação rotineira promove as vivências e as influências escolares.

Os emaranhados de informações destorcidas propositalmente, isso transformará cada um dos diferentes indivíduos que, com seus saberes desenvolvidos, ou estagnados, transformarão os tempos da sociedade, nessa evolução positiva ou negativa, começa, partindo do indivíduo aprendente para universo escolar no indivíduo ensinador.

A troca de informação se não refletida por ambas as partes, não gera soluções mas, intensifica problemas e mascara soluções a níveis de prejuízos irreparáveis bloqueando a aprendizagem e a metodologia de ensino, com falsas relações de produção de conhecimento bem com, a falsa produção de mão de obra qualificada mister para o crescimento e para o enriquecimento.

Observar as influências dos meios de comunicação na crescente exclusão social na produção de apologia às ações de consumo, as formas de informação metodologicamente trabalhada para o querer sem dizer da onde vem o pagamento, o que importa é a venda da notícia, suas formas de abordagens de variados assuntos que, deveriam vir da família, individualizada, findam por acelerar processos, que são diferenciados em cada indivíduo na construção das micros estruturas. Esse mau versamento das informações dão matizes ao crime valorando falsamente a impunidade, desvirtuam-se devido a ausência cada vez maior da família na formação individual do ser, as influências destas ausências potencializadas pelo colorido criminoso das leis, no estabelecer do valor desvirtuado moral que, permeia as relações e suas instabilidades.

Encaminha ao desgoverno e elimina o senso de pertencimento necessário ao vínculo do papel das três bases de uma sociedade livre e responsável, a saber: São vínculos da sociedade o servir, o proteger e o compartilhar e seu papel o viabilizar, o preparar e controlar. As diversas inferências ocorridas nas pressupostas diferenças advindas do preconceito alimentado pelo estado, que com suas legislações divisoras, fragmentadoras da cidadania, na duplicidade de sentido do interesse, cada um dos atores deste teatro de desconstrução, mascarado de solução participativa, buscam o poder pelo poder. Usam a mentira como argumento, a falsidade das ideias gritante no palpar das ações orientadas como uma voz controladora pela imprensa que produz mitos da mal como heróis.

Daí o poder se instalar tentando igualar as diferenças pelas dificuldades das desigualdades, fortalecendo assim o poder paralelo, com a negligência aos princípios básico da Constituição, na Assistência à cidadania.

Fomentando o crime organizado com leis protetoras ao infrator, dificultando a produção e o comercio com decisões jurídicas vergonhosas e imorais. E para o regalo dos governantes, a extorsão institucionalizada, que vai da multirributação, ao descaminho do imposto para uso fruto de alguns.

A construção deste aprendizado é produto, da troca de informação, entre os valores da cidadania provocada, em detrimento a cidadania

construída, a primeira necessita de leis e de um aparato, para que provocada a justiça, o direito seja respeitado, a segunda começa a ser trabalhada na escola, na dedicação do que ensina, na dúvida do que aprende, construída na rotina escolar a cidadania flui, no caráter traçado não por pais e mestres, mais pelo exemplo, que pela exposição de motivos vários, fazem o número de desistências e repetências, somarem-se as mentiras e propagandas, que em nada ajudam o conhecimento.

Ao trabalhar a empatia, o contato e a sensibilidade com pequenos exemplos que, edificarão na criança o respeito pelo outro, partindo de si para o mundo, numa difícil jornada onde serão quebrados e desmontados conceitos natos, aperfeiçoados os inatos, desconstruir um ser em formação, novo e avaliador de atitudes e de conceitos, interpretativo.

Perseguidor de afirmação nas tribos que, o cercam na vida urbana canibalizada pelo ter mesmo sem poder, mensurada em valores consumistas, encaminhados às aspirações rurais divulgadas pelo avanço das tecnologias da informação, utilizadas para escravização do querer e do poder ter a qualquer custo, preferencialmente sem ter o trabalho como referencial de posse, pois a criança é educada para ter, sem o esforço do conquistar pelo trabalho, basta pegar, pois o estado protege o crime.

Facilitadas as conquistas sem o devido esforço meritório, divulga para uma absorção e controle programado, direcionado para obediência das massas na manutenção do poder pelas minorias ditas operárias de gosto refinado e caras estadias às custas das contas públicas, o esforço para destruir as relações exemplificadoras socialmente reconhecidas, o respeito ao outro é declinado em detrimento a do eu quero, eu pego.

A ninguém deste colúio interessa uma geração de contestadores ou de lutadores com conhecimento de causa. Logo manter as rotas de fuga, perpetuar as válvulas de escape das tensões sociais, abertas como veias jorrando sangue e provocando com a fome o que há de pior no indivíduo que se constrói e isso está para lá das cores e das raças.

À desordem ao caminho do poder, no caos se habilitam os enganadores e seus teóricos caídos na falências de suas aspirações definidas, no espetáculo dirigido ao poder das massas reprimidas, que permanecerão reprimidas na falsidade de suas crenças ditas justas.

Assim a escola de diferenças aguçadas no preconceito afirmados em lei como direitos e deveres desproporcionais na construção dos indivíduos, que sem limites, levantam-se destruindo a família na imensidão das propostas de desconstrução feitas por pseudo-sociólogos, valorizados

nos descamisados de Evita que, hoje pairam como assassinos pela América Latina, autodenominando-se libertadores, quase sempre adonando-se das riquezas das nações distribuindo entre seus familiares e amigos dos amigos, destruindo para conquistar o poder a qualquer custo e a principal vítima são as crianças, que sem noção e sem limites vão para o campo sem retorno servindo ao crime que suporta a escalada do controle social feito de forma comum para o comum pelo comum.

Discursos dos espertalhões, que pregam facilidades advindas, quer seja com a bola por referência, ou o Funk como opção, sem amostra do que está nas entrelinhas, dos partidos criminosos que expurgam, as esperanças no cheiro ou na fumaça da permissividade do crime, como referência da apologia ao sistema comunista falido, prostituído no caos do sangue latino, que apressa-se, a promover a liberdade das dogras num processo de alienação massiva assegurando o poder a qualquer custo.

A escola da diferença está cada vez mais indiferente à verdade, embora próxima da infidelidade dos que nela vêem o único caminho para o mundo melhor, sem o devido preço da conquista. As condescendência da lei para o crime é via de mão dupla para assegurar a não resistência dos que formados, não têm competência para interpretar os textos mais complexos, que podem promover a libertação social pelo entendimento da proporcionalidade do ato pelo fator do fato social cometido.

Desafiada a ser a salvação da lavoura, a escola controlada pelos imbecis que, falam de liberdade, enquanto fomentam a ditadura, impondo conceitos azedo, ultrapassado, que impedem o professor de construir para e apontar caminhos, para que o aluno se construa.

Decantando-se serem trabalhadores sem se quer saber o que é trabalho. Escondido nos porões dos sindicatos, onde crimes hediondos acontecem, vagabundos protegidos por leis combalidas na realidade atual, negociam e enriquecem, sendo objeto de troca o sangue dos que produzem verdadeiramente sem ter direito social e a dignidade respeitadas.

Os mestres de trampolins estão em todos sindicatos brasileiros, todos tem um só objetivo e bem longe das políticas trabalhistas, quem menos importa é o trabalhador, menos ainda a s